

## **AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Rosiene Pereira Macedo Marques dos Passos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem a finalidade de analisar as contribuições da literatura infantil para o desenvolvimento da criança autista na educação infantil. O problema da temática norteou-se nesta indagação: De que forma a literatura infantil pode colaborar significativamente no desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista? Entretanto, sabe-se que hoje existe uma ênfase bem maior no ensino/aprendizagem e desenvolvimento por intermédio da literatura infantil na qual agrega o desenvolvimento de falar e ouvir da criança autista, despertando estímulos emocionais como os valores e ideias. Isso permite que os professores aproveitem as oportunidades para que deste modo se possa desenvolver o entusiasmo e a curiosidade das crianças. Os professores portanto têm oportunidades de expor a necessidade e também em o desejo autêntico por uma explicação, questionando deste modo ou comentando as buscas e interações das crianças autistas de forma que elas possam estar sendo incentivadas a pensar sobre suas ações. A se iniciar desta percepção, esta pesquisa analisa se a literatura infantil é relevante em atuar de maneira a estar subsidiando o aprendizado da leitura e escrita na educação infantil, de modo que incentive a educação e o desenvolvimento da psique tanto no que se refere ao seu contexto biológico como psicológico e social. Para tanto foi efetivado uma pesquisa de revisão bibliográfica, para que se possa ter uma visão panorâmica desta temática, e percebeu-se portanto que a literatura infantil dá ênfase ao ensino/aprendizado e professores reflexivos formam crianças reflexivas, a literatura desempenha a capacidade de estar refletindo de maneira significativa e isso é uma habilidade desejável para qualquer educador.

**Palavras-chave:** TEA, Desenvolvimento. Literatura Infantil. Prática Docente.

### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to analyze the contributions of children's literature to the development of autistic children in early childhood education. The problem of the

---

<sup>1</sup> Graduada em Normal Superior pela Faculdade do Sudoeste Goiano (2009); Pós-Graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Montes Belos (2010); Mestre em Ciências da Educação pela FICS (2022) - [rosiene.passos@seduc.go.gov.br](mailto:rosiene.passos@seduc.go.gov.br)

theme was guided by this question: How can children's literature contribute significantly to the development of children with autism spectrum disorder? However, it is known that today there is a much greater emphasis on teaching/learning and development through children's literature, which adds to the development of autistic children's speaking and listening, awakening emotional stimuli such as values and ideas. This allows teachers to take advantage of opportunities to develop children's enthusiasm and curiosity. Teachers therefore have opportunities to expose the need and also the authentic desire for an explanation, thus questioning or commenting on the searches and interactions of autistic children so that they can be encouraged to think about their actions. Starting from this perception, this research analyzes whether children's literature is relevant in acting in a way that supports the learning of reading and writing in early childhood education, so that it encourages the education and development of the psyche both in terms of its biological, psychological and social context. To this end, a literature review was carried out in order to provide a panoramic view of this issue, and it was therefore realized that children's literature emphasizes teaching/learning and reflective teachers form reflective children, literature plays on the ability to reflect in a meaningful way and this is a desirable skill for any educator.

**Keywords:** ASD, Development. Children's Literature. Teaching Practice.

## **RESUMEN**

El objetivo de este artículo es analizar las contribuciones de la literatura infantil al desarrollo de los niños autistas en la educación infantil. El problema del tema se guió por esta pregunta: ¿Cómo puede contribuir significativamente la literatura infantil al desarrollo de los niños con trastorno del espectro autista? Sin embargo, se sabe que hoy en día se hace mucho más hincapié en la enseñanza/aprendizaje y el desarrollo a través de la literatura infantil, que contribuye al desarrollo del habla y la escucha de los niños autistas, despertando estímulos emocionales como valores e ideas. Esto permite a los profesores aprovechar las oportunidades para desarrollar el entusiasmo y la curiosidad de los niños. Por lo tanto, los profesores tienen oportunidades de exponer la necesidad y también el auténtico deseo de una explicación, cuestionando o comentando así las búsquedas e interacciones de los niños autistas, de modo que se les pueda animar a pensar sobre sus acciones. Partiendo de esta percepción, esta investigación analiza si la literatura infantil es pertinente para actuar de forma que apoye el aprendizaje de la lectura y la escritura en la educación infantil, de forma que favorezca la educación y el desarrollo del psiquismo en cuanto a su contexto biológico, psicológico y social. Para ello, se llevó a cabo una revisión bibliográfica con el fin de dar una visión panorámica de este tema, por lo que se dio cuenta de que la literatura infantil hace hincapié en la enseñanza / aprendizaje y maestros reflexivos forman niños reflexivos, la literatura juega con la capacidad de reflexionar de manera significativa y esto es una habilidad deseable para cualquier educador.

**Palabras-Chave:** TEA, Desarrollo. Literatura Infantil. Práctica docente.

## 1 INTRODUÇÃO

Observa-se que a literatura infantil é vista entretanto como uma arte que tem a habilidade de estar despertando a criatividade nas pessoas, assim sua aplicabilidade é mundial permeando deste modo os sonhos, o imaginário, o real, trazendo diversão e também a modificação na consciência de mundo do leitor. No entanto, ela vai muito além do prazer que a criança sente em estar ouvindo as histórias, participando da evolução da constituição dos primeiros sentimentos, como valores e ideias. Deste modo, vê-se que quando se tem um educador que considera o ensino ativo e também estimulante, há leitores mais críticos, inovadores e criativos.

Diante desta importância, o artigo tem como finalidade analisar as contribuições da literatura e suas contribuições para o desenvolvimento da criança autista na educação infantil. Sabendo que a contação de história é um importante recurso didático para favorecer desta maneira o desenvolvimento cognitivo, psicológico, afetivo e social das crianças autistas. Deste modo, o problema da pesquisa desenvolveu-se neste questionamento: De que forma a literatura infantil pode colaborar significativamente no desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista? Sabendo da importância da contação de histórias por meio de fábulas, contos, mitos, como recursos que favorece tanto o desenvolvimento e aprendizagem das crianças autistas, que essa pesquisa se justifica.

Par se ter toda uma visão panorâmica desta temática, será utilizado uma pesquisa de caráter bibliográfico, onde as fundamentações teóricas darão respaldo e credibilidade ao fenômeno em questão.

## 2 Entendendo a Literatura Infantil – breves considerações

Assim, a Literatura Infantil vai muito além do prazer que a criança sente em estar ouvindo as histórias, ela desempenha desta forma um papel de estar auxiliando a constituição dos primeiros sentimentos, como valores e ideias. Deste modo, Abramovich (1997), considera que levando-nos a compreender que um professor que tem uma postura ativa e estimuladora, pode estar conseguindo incentivar futuros leitores críticos e também criativos.

Destarte que a literatura infantil é portanto, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: um fenômeno de criatividade que simboliza o mundo, o homem, a vida, por

intermédio da palavra. Funde desta maneira os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p. 27)

A Literatura infantil é entretanto vista como arte, um modo que estimula significativamente a criatividade, emoções, diversão modificando assim a consciência de mundo do leitor como tem sido aplicado como instrumento manipulador com a finalidade de atingir resultados na educação. Neste contexto, cita-se Kilian e Cardoso (2012) os quais demonstram que, segundo os relatos históricos e arqueológicos existentes, foi na Babilônia onde tudo se iniciou. Na atualidade, essa cidade só resta ruínas na região Mesopotâmica do Egito. Assim, o seu povo foi deste modo o precursor da evolução da civilização como, por exemplo, a agricultura, arquitetura, o comércio, a astronomia, o direito, e a escrita. Nesse local, surgiram as primeiras inscrições na qual viria a aperfeiçoar o nascimento de uma prática revolucionária - a leitura.

Portanto, a literatura tem uma correlação estreita com o papel, é evidenciado que apesar da criação do papel ter sido feita pelos chineses no início dos primeiros mil anos, e o processo de impressão caseiro já existisse, foi somente no século XV, com a Idade Contemporânea, que a imprensa veio como forma de produção, propiciando a impressão de um número extenso de livros (TORTELLA et al, 2016). No qual claramente proporcionou um status a classe média por poder conseguir mais informação. Uma maneira de estar incluindo uma criança em uma sociedade se vincula diretamente ao poder da leitura.

A literatura portanto deixou de ser desconhecida para a infância ao ter editoriais que chamaram a atenção do mundo, onde desta forma a produção é massiva e os prêmios são mais relevantes em benefícios. É resultado de grande parte ao conhecimento e estipulação dessa etapa de desenvolvimento do ser humano como as características próprias, a literatura pôde ser mais dirigida e legível pelo público a qual foi criada.

A literatura infantil é vista como uma comunicação histórica (localizada assim no tempo e no espaço) entre um locutor ou um e um escritor-adulto (o emissor) e um desenvolvimento destinatário-criança (o receptor) que, por designação, ao longo do período é reputado, não dispõe portanto senão de forma parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, as afetivas e outras que se caracterizam a idade adulta (SORIANO, 1975 p. 185).

Visto que na história da humanidade a literatura tem a incumbência de empreender sobre as mentalidades, de forma a auxiliar nas decisões quanto à vontade ou ações, como também as emoções, paixões, desejos, etc. De conformidade com cada época pode entender e produzir a literatura a seu modo, com a qual se tem a oportunidade de estar ampliando, transformando ou enriquecendo suas próprias experiências vivenciadas. Pode-se portanto dizer que a literatura oral e a escrita foram no entanto os principais veículos transmissores de informação para a humanidade segundo Cunha (1997), visto que no decorrer da história da humanidade, o homem sempre procurou se comunicar por intermédio da escrita e devido a isso utilizou diversificados suportes físicos, como por exemplos, recursos permeados à invenção do papel e do livro.

Segundo Coelho (2000) a literatura foi empregada desde o princípio como um modo de transmissão de valores. Esses valores entretanto ou padrões sociais foram sendo desta maneira definidos essencialmente como abstratos, devido a isso, difíceis de serem absorvidos pelo homem primitivo e pelas crianças. Pelo homem primitivo pode-se classificar como a forma de se viver próximo da natureza sensorial, visto que dessa forma são propensos a conhecerem por intermédio das emoções e das experiências, e as crianças por não possuírem uma mente madura e parâmetros de vida onde ainda há predominância de pensamento mágico e aprendizado bastante sensível, do emotivo e da intuição.

Por intermédio desse crescimento a criança começou a ser valorizada e como consequência foi gerada uma maior união da família, afinal ela passou a ser vista como um ser diferente do adulto, que possui suas próprias particularidades, pois antes elas não eram vistas dessa forma, onde a literatura era voltada para os adultos, mas devido ao crescimento da burguesia, o contexto se modificou.

Percebe-se assim que a literatura tem desempenhado um papel relevante no desenvolvimento da criança, estimulando a criatividade, a cognição, as estruturas espaciais e linguísticas, entre outros. Baldi (2009, p.09) fala-se que essa e como qualquer outro modo de arte, é capaz de nos tornar indivíduos melhores, não só intelectual, mas emocionalmente, porque desta maneira desperta o que de melhor existe em nós. A autora diz que a literatura infantil é uma arte que se liga aos sentimentos humanos e devido a esse motivo é capaz de transformar os indivíduos.

## **2.1 As Contribuições da Literatura Infantil no Desenvolvimento da criança autista na Educação Infantil**

### **2.1.1 O Autismo – algumas concepções**

O autismo é uma condição permanente no ser humano, ou seja, quem nasce com autismo, torna-se também um adulto autista, já que é uma condição sem cura. Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, o autista é alguém que tem grande capacidade de aprendizagem, mas que também apresenta particularidades que precisam ser lembradas e respeitadas dentro do processo de ensino e aprendizagem destinados aos mesmos (MELO, 2014). Conhecer o que é o autismo é algo imprescindível ao professor, pois sem esse conhecimento ele não conseguirá auxiliar o aluno a vencer suas dificuldades.

O autismo foi, por muito tempo confundido com a psicose e a esquizofrenia, mas diversos estudos possibilitaram a superação dessa confusão conceitual (MELO, 2014). Atualmente há na literatura diferentes tipos de concepções e caracterizações para o autismo, o que muitas vezes traz confusão até mesmo na forma como o termo é escrito. De acordo com Melo (2014, p.39):

Observa diferentes conceitos como síndrome comportamental, síndrome neuropsiquiátrica, neuropsicológica, como transtorno invasivo do desenvolvimento, transtorno global do desenvolvimento, transtorno abrangente do desenvolvimento, transtorno pervasivo do desenvolvimento, psicose infantil e pós-autismo.

Assim, o autismo é entendido como uma palavra que origina-se do grego “autos” e que significa “por si mesmo”, sendo um termo que originou-se da psiquiatria e que tinha como objetivo referir-se a pessoas que centralizam em si mesmos, ou seja, que estão voltadas para o próprio indivíduo. É de acordo com Cunha (2013) uma síndrome que apresenta grande complexidade, isto porque a incidência dos sintomas aparece de forma muito variada de um indivíduo para o outro, o que deu origem recente ao termo “Transtorno do Espectro Autista” (TEA).

O transtorno do espectro autista (TEA) é, de acordo com Oliveira e Sertié (2017, p.233) “um grupo genético de distúrbios do desenvolvimento neurológico de início precoce, caracterizado pelo comprometimento das habilidades sociais e de

comunicação, além de comportamentos estereotipados”. Mesmo que sejam estes os seus principais sintomas, há uma variação grande de sintomas e fenótipo dos pacientes com TEA, havendo, por exemplo, indivíduos que apresentam deficiência intelectual grave, outros apenas baixos desempenhos em habilidades comportamentais, e há indivíduos que tem uma vida totalmente independente com quociente de inteligência normal.

Há estimativas de que o TEA afete 1% da população, sendo quatro vezes mais presente em homens do que em mulheres. Oliveira e Sertié (2017) consideram que esta é uma doença geneticamente heterogênea e complexa, com diferentes padrões de herança e variantes genéticas causais e compreender a arquitetura genética atualmente definida para a TEA exige levar em consideração tanto aspectos epidemiológicos como evolutivos, assim como todo o conhecimento adquirido a partir de pesquisas sobre as alterações moleculares provocadas pela doença. As autoras afirmam que:

Primeiramente, devemos considerar uma regra evolutiva primordial que influencia a frequência de variantes genéticas presentes na população: se uma determinada variante genética tem efeito nocivo para o organismo e afeta negativamente a chance reprodutiva dos indivíduos (seu potencial reprodutivo), esta variante tende a apresentar baixa frequência na população, já que não será transmitida para as próximas gerações. Na verdade, é isto que acontece na maior parte das doenças monogênicas: elas são geralmente raras na população devido à baixa frequência dos respectivos alelos causais (OLIVEIRA e SERTIÉ, 2017, p.234).

Assim, acredita-se que a TEA deriva-se de fatores genéticos combinados com fatores ambientais e causados pela herança de uma combinação de variantes genéticas, cada qual associadas a baixo risco de desenvolvimento do transtorno. Um indivíduo pode ter fenótipo de cada variante e não desenvolver a doença, mas pode, com o passar das gerações, herdar um número suficiente de variantes de baixo risco e elas se tornarem uma doença. Por isto, Oliveira e Sertié (2017, p.234) afirmam:

Com base nestes conceitos, considerava-se que um padrão poligênico ou multifatorial de herança seria responsável pela maioria dos casos de TEA. No entanto, ao longo dos anos, constatou-se que um número considerável de pacientes com TEA apresentava mutações raras com efeito deletério sobre o desenvolvimento neuronal, que seriam suficientes para, sozinhas, causarem a doença.

Há, porém, em uma mesma família, indivíduos que são afetados por variantes genéticas com potencial para desenvolver a doença e outros que não são, e por isto sugere-se que há um padrão de herança monogênico com penetrância fenotípica

incompleta e assim acredita-se que é a interação entre variantes comuns e raras o que explica a arquitetura dessa doença.

Sandin (2014) apud Oliveira e Sertié (2017, p.45) citam que a TEA pode ser causada por uma única mutação e nesses casos a possibilidade de recorrência na família é o mesmo da população em geral, por isto é interessante que haja um estudo sobre a própria família do indivíduo, para saber se existe uma genética em torno da questão e até mesmo facilitar o trabalho com esse aluno.

Ainda continuando a caracterizar o transtorno, Souza e Santos (2015, p.03) citam:

[...] a taxa de incidência parece ser quatro vezes superior no sexo masculino; contudo não parece haver qualquer associação conhecida com aspectos raciais, sociais, econômicos ou culturais. No entanto, é possível que haja alguma associação genética com determinadas formas de autismo, sendo que teorias envolvendo a influência do comportamento dos pais e do meio familiar foram fortemente desacreditadas.

Portanto, são os meninos aqueles mais acometidos pelo autismo, mas não há ligação com outros fatores genéticos ou socioeconômicos. Há de se considerar, porém, que aspectos do meio poderão influenciar no agravamento da doença, principalmente a falta de tratamento ou compreensão dos casos, o que faz com que métodos inadequados ou a ausência desses métodos comprometa ainda mais o desenvolvimento da criança.

### **2.1.2 As Contribuições da Literatura Infantil no Desenvolvimento da criança autista na Educação Infantil**

Todo o desenvolvimento das crianças autistas perpassa por suas características peculiares como a dificuldade da interação social, os prejuízos ou comprometimentos no desenvolvimento linguístico ou comunicação verbal, nas atividades restritas e repetitivas. Deste modo, Cunha (2019, p. 20) reforça ao reafirmar que o autismo compreende a observação de um conglomerado de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e nas atividades repetitivas.

Toda intervenção ou ação visando tanto o desenvolvimento ou aprendizagem das crianças autistas deve priorizar essas características fundamentais do



comportamento autístico. Sendo assim, a literatura infantil tem importantes contribuições para favorecer a aquisição do desenvolvimento destas crianças autistas. Diante disso, Santos, Campos, Freitas (2016, p. 61) afirma que:

Contar história no procedimento de ensinar e aprender não pode ser baseado em uma relação desinteressada de afeto, emoção, ou seja, sem que a emoção não esteja presente nessa troca bidirecional do professor com seus alunos. A ausência de emoção não pode estar se tornando lugar comum na contação de história e, pelo contrário, deve ser extremamente empolgante e emocional.

Uma das expressões mais utilizadas na literatura infantil é portanto a contação existente de histórias, que é um modo de transmitir saberes e valores, despertando desta forma o imaginário, e onde os sentimentos e as emoções transcendem a ficção materializando na vida o real. Nesta perspectiva, a contação de história por intermédio de contos, fábulas, narrativas, podem colaborar no desenvolvimento e aprendizagem das crianças autistas, na medida que trabalhe de modo empolgante os seus sentimentos e emoções para seu autoconhecimento.

Abramovich (1997) afirma: ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é a princípio o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é portanto ter um caminho perfeitamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. Deste modo, a literatura infantil é um instrumento fundamental e significativo no desenvolvimento das crianças autistas, pois é uma forma que contribui cognitivamente e socialmente na vida desses alunos, fazendo com que aspectos como ,imaginação, criatividade, sentimentos e também as emoções se desenvolvam simultaneamente.

Segundo Rodrigues (2010) a criança autista exprime melhor a percepção visual do que a percepção auditiva durante as estimulações, responde a ela positivamente quando estimulada em ambientes organizados, ou seja, o funcionamento comportamental é um processo adaptativo do autista é entretanto consideravelmente melhor em condições estruturadas. No ato de contar histórias é necessário que o educador leve em conta a particularidade das crianças autistas, de forma especial, a percepção visual mais aguçada, devido a isso, é fundamental mostrar imagens, figuras ou desenhos das histórias para facilitar a sua compreensão e favorecer seu desenvolvimento.

Outra contribuição importante vem de Vasconcelos (2008) citado por Carneiro (2011, p. 11) ao reafirmar que

O recurso lúdico, como por exemplo a literatura infantil, pode contribuir para aumentar o repertório comportamental da criança. Desenvolve seu comportamento verbal e os seus comportamentos criativos, possibilitando apresentar soluções originais. O livro pode ser apresentado à criança por intermédio de músicas e palmas d'espaldas quando interagem com o filho.

As crianças com autismo têm suas particularidades comportamentais como a dificuldade de interação social, os prejuízos linguísticos, alguns possuem déficits cognitivos e dificuldade de contato visual e entre outros. Por isso, a contação das histórias pode contribuir para amenizar este tipo de comportamento e favorecer o seu desenvolvimento verbal, interacional, cognitivo, afetivo, não só no ambiente escolar, mas para a própria vida em família e sociedade.

A narrativa por intermédio do lúdico desconstrói conceitos difundidos no meio social, transgredindo normas e valores, inclusive sobre qualquer preconceito. O argumento do texto literário, que também é comunicativo e criativo, convence a todos os leitores, de forma que ter seus desejos é algo normal e aceitável, deixando de ser portanto motivo para vergonha ou até mesmo a discriminação e exclusão do outro. (CRISTÓFANO, 2010). É importante para os educadores utilizar em suas aulas com crianças autistas meios para desmitificar muitos conceitos e valores, que muitas vezes geram preconceitos e discriminações, portanto é um meio em que a criança autista vai construindo sua realidade e sua maneira de pensar e agir.

Um dos modelos mais utilizados com crianças autistas a se iniciar da literatura infantil é o modelo Teacch (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação) vem sendo utilizado no Brasil pela professora Maria Elisa Granchi Fonseca e por Viviane Costa de Leon, habilitadas e responsáveis pelos treinamentos e informações sobre o Teacch. Desta forma Cunha (2014, p. 73) esclarece:

O TEACCH se baseia na organização do ambiente físico por intermédio de rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas. A finalidade é em estar adaptando o ambiente para o autista mais facilmente compreendê-lo e entender o que se espera dele.

O objetivo do modelo TEACCH, é de proporcionar ao autista, estratégias e práticas de intervenções, junido com as adequações no ambiente em que se encontra, dando pistas e dicas do que se espera do indivíduo no cenário preparado. O trabalho com o TEACCH deve ser de forma individual, respeitando os limites e dificuldades desencadeadas no decorrer do processo em cada criança, visando a independência

do indivíduo, de modo que também em alguns momentos, ele necessite do auxílio do educador para orientá-lo.

### **3 METODOLOGIA**

Para o maior entendimento do fenômeno estudado, ou da temática em questão sobre as contribuições da literatura infantil no desenvolvimento da criança autista na educação infantil, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica, para uma maior fundamentação da mesma.

Para Fachin (2017) a pesquisa bibliográfica diz respeito ao conjunto de conhecimentos humanos reunidos em obras. Tem como finalidade fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e proporcionar a produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

### **CONCLUSÃO**

A relevância de entender que a Literatura Infantil está bem aquém no que se refere ao prazer que a criança autista sente ouvindo as histórias, exercendo um destaque no desenvolvimento emocional nos primeiros sentimentos da criança como também os valores e ideias são primordiais quando estamos trabalhando ensino/aprendizagem da criança.

Por meio desse estudo vê-se entretanto que a criança autista quando se insere na educação infantil, ainda não domina a leitura e a escrita, é preciso ter intermediário que trabalhe com ela, para que possa desenvolver a habilidade de ler e também escrever. Nesse cenário, aparece os educadores/professores que se dispõem a contação de história, mostrando desenhos e ilustrações que a partir disso pedem para que os estudantes recontem aquela história para alguém. Isso, tem despertado o aprendizado significativo da criança, afinal seu referencial será aquilo que a professora ensinou. Ao olhar as imagens, a criança autista será capaz de reproduzir e dessa maneira estará estimulando sua imaginação, e a criatividade, melhorando a comunicação verbal e a interação social, além de favorecer o seu desenvolvimento no processo educativo.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 5 Ed. São Paulo: Scipione, 1997

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CRISTÓFANO, Sirlene. **A Integração de Crianças com Necessidades Especiais por meio da Literatura Infantil**. Intermeio: revista do Programa de Pós Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.16, n.32, p.115-128, jul./dez.2010. Disponível em < file:///C:/Users/User/Downloads/2429-Texto%20do%20artigo-7224-1-10-20161104%20(2).pdf. Acesso em: 17 set. 2023.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed.,2014.

\_\_\_\_\_. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

KILIAN, Carina; CARDOSO, Rosane Maria. **Práticas de leitura literária: os casos de França e Brasil**. Trabalho de Pesquisa – UNISC. Santa Cruz do Sul. 2012.

MELO, Kilma Gouveia de. **O processo de ensino-aprendizagem da criança com autismo, na sala do ensino regular: das concepções às práticas das suas professoras e profissionais de apoio**. Dissertação - Mestrado em Ciências da Educação, no Curso de Ciências da Educação, Lisboa, 2014.

OLIVEIRA, K. G.; SERTIÉ, A. L. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético**. Einstein, 15(2):233-8, 2017.

RODRIGUES, Janine Marta C. e SPENCER, Eric. **A Criança Autista: um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SANTOS, Fábio Cardoso dos. CAMPOS, Ana Maria Antunes de. FREITAS, Nilma Célia Mamede de. O contar história como recurso na inclusão escolar. In: SANTOS, Fábio Cardoso dos. CAMPOS, Ana Maria Antunes de. FREITAS, Nilma Célia Mamede de. **A contação de histórias: contribuição à neuroeducação**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2016. p. 57-72.

SORIANO, Marc. **Guia de literatura para a juventude**. Paris: Flamarion, 1975.

SOUSA, Pedro Miguel Lopes de; SANTOS, Isabel Margarida Silva Costa dos. **Caracterização da Síndrome Autista**. 2015. Disponível em <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0259.pdf>>. Acesso em 21 de abril de 2021.

VASCONCELOS, Laércia Abreu. **Brincando com histórias infantis: Uma contribuição da Análise do Comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens**. Segunda Edição

